

Infoeducação: *ceci n'est pas une pipe*.

Em busca da terceira margem¹

Edmir Perrotti e Ivete Pieruccini ²

Resumo:

O artigo apresenta a *Infoeducação*, abordagem transdisciplinar das relações entre os domínios da Informação e da Educação. A partir de um relato sobre a criação de uma biblioteca no Brasil, concebida como um *forum*, por uma equipe da Universidade de São Paulo, ele indica a importância de ultrapassar os limites impostos por abordagens dualistas dos fenômenos informacionais e educacionais, incapazes de reconhecer e de responder a dificuldades próprias às dinâmicas de apropriação de informação e de cultura na “*era da informação*”. A *Infoeducação* propõe a ambivalência colaboração/conflito como categoria epistemológica e metodológica central aos estudos e às práticas que implicam os dois domínios.

Palavras-chaves: *Infoeducação*; Informação; Educação; Biblioteca *Forum*; Ordem informacional dialógica; Apropriação cultural.

Introdução

Este relato pretende apresentar alguns aspectos da *Infoeducação* ³, abordagem teórico-prática das relações entre os domínios da Informação e Educação, resultante de pesquisas iniciadas em finais dos anos 80, na Escola de Comunicações, da Universidade de São Paulo, coordenadas por Edmir Perrotti. Reunindo pesquisadores e profissionais de variadas procedências, a equipe tinha como proposta criar dispositivos de mediação de informação em ambientes educativos, pautados por objetivos de apropriação de conhecimento e cultura.

Inscrito no Departamento de Biblioteconomia e Documentação da referida Universidade, o projeto tomou as bibliotecas como objeto privilegiado de estudo, embora suas preocupações remetessem a aspectos teóricos gerais das relações entre Informação e Educação. Tratava-se de repensar questões de fundo implicadas nas

¹ Este título remete a dois artistas: Magritte, autor do célebre “Ce n’est pas une pipe” e o brasileiro João Guimarães Rosa, autor do conto *A terceira margem do rio*, publicado como “La troisième rive du fleuve” em *Premières histoires*, Ed. Métailié, 1982.

² Edmir Perrotti (perrotti@usp.br) e Ivete Pieruccini (ivetepie@usp.br) são pesquisadores do Colabori-Colaboratório de Infoeducação, do Departamento de Informação e Cultura, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, Brasil.

³ No ano 2000, Perrotti e equipe propuseram o *I Colóquio Brasil-França de Infoeducação*, na Universidade de São Paulo (Brasil). Participaram, além de pesquisadores e profissionais brasileiros, grupo francês, liderado por Max Butlen, da Universidade de Cergy-Pontoise. O neologismo *infoeducação* foi criado por Perrotti para indicar a necessidade de desenvolvimento de abordagem teórico-prática orgânica, dinâmica e complexa das questões informacionais e educacionais, capaz de superar reduções impostas pelo *informacionismo* e o *pedagogismo* das diferentes *literacies* informacionais.

articulações entre os dois campos, a partir de parcerias com instituições que permitiam acesso a práticas sociais concretas e que colocavam saberes e fazeres científicos e “da ação” (BARBIER, 1996) em relação direta. Visto a orientação transdisciplinar (NICOLESCU, 1996) que conduziu os trabalhos que resultaram na formulação da *Infoeducação*, mais que participante, a metodologia adotada significava experiência colaborativa que considera interesses comuns, mas ao mesmo tempo demandas, características e objetivos específicos dos parceiros. Em outras palavras, tratava-se de um encontro a partir de elementos convergentes, mas também de diferenças entre ciência e *terreno*.

O pano de fundo histórico que estava na origem da iniciativa era a expansão extraordinária das lógicas das sociedades de consumo, invadindo todos os campos da vida social e cultural brasileira, e a necessidade de preservação de espaços de criação e significação, onde crianças, jovens e adultos pudessem exercer a condição de protagonistas, ao se relacionarem com signos.

O hiato entre Informação e Educação: Biblioteca e Escola

A Escola brasileira vem tendo dificuldades crescentes para cumprir seu papel histórico. Os resultados que vem obtendo em avaliações nacionais e internacionais, por mais problemáticas que estas possam ser, mostram que, mais que educar na acepção larga do termo, ela vem, quando muito, instruindo. Ao ensinar, por exemplo, crianças a ler, escrever e contar de forma mecânica, transforma a aprendizagem num processo que afugenta levas de alunos das salas de aula e aborrece os que ficam com regras e fórmulas que não fazem sentido para eles e que, por isso, passados os exames, são esquecidas, muitas vezes para sempre.

As bibliotecas, quando existentes, também não fogem à regra. E não se trata, aqui, de incluir na discussão aquelas concebidas sob ideais conservacionistas da Antiguidade e cujos objetivos são dirigidos à preservação da memória social. Trata-se, sim, de referência às bibliotecas nascidas dos ideais difusionistas da Modernidade e que levantaram clamores de acesso geral aos signos e de bibliotecas como lugar de educação e cultura. No país, elas dificilmente ultrapassaram funções de centro distribuidor de bens culturais, tratados como se fossem um produto qualquer, destituídos de exigências e demandas especiais, tendo em vista sua apropriação. As que procuraram ir mais longe, comumente apostaram em atividades que, sob diferentes formas, controlavam as interpretações mais que as expandiam com contribuições dos leitores. “Copiar e colar” têm raízes fundas nas bibliotecas do país, inclusive nas escolares.

Há, portanto, um fosso histórico entre Informação e Educação no Brasil e que não é só quantitativo. O fosso é, também, qualitativo e vai se agravando com a explosão informacional de nossa época, quando a informação nos chega em grandes quantidades, das mais diferentes procedências, por meio de dispositivos pessoais, ao alcance da mão. Sem sair de casa ou na rua acessamos informações que antes nos escapavam ou nos obrigavam a deslocamentos custosos. Nesse sentido, se havia mal-

estar, há agora uma crise de proporções inéditas afetando as relações entre bibliotecas e educação.

Algumas respostas vêm sendo adotadas pelas bibliotecas e seguem em geral uma das duas direções seguintes: , a da modernização tecnológica que se satisfaz com a distribuição de recursos, confundindo acesso aos suportes com acesso à informação; , que alia distribuição de tecnologias culturais ao ensino de *skills, patterns, competencies*, ou seja, que soma “acesso aos objetos informacionais” com “ensinar informação”. Nesse aspecto, esta amplia o papel educativo tradicional da biblioteca, uma de suas bandeiras principais, propondo o ensino especializado de objeto que lhe é próprio: a informação (SERRES, 2014)

Tais ensinamentos, no entanto, vêm sendo apresentados quase sempre sob forma de habilidades e procedimentos, dimensão que não interroga o objeto a que se referem - a Informação-, nem em termos ontológicos, nem históricos e sociais, ao deixarem de lado dimensão epistêmica essencial dos processos educativos. Como há muito já feito pelas “analogical literacies” e que deram mostras inequívocas de sua ineficácia, as novas *literacies* repetem o mesmo erro de ater-se a níveis funcionais do uso da informação (*information competency*).

Nesses termos, vale à pena interrogar-se sobre possibilidades das bibliotecas no novo tempo, sobre questões como “ensinar informação” para além de procedimentos de uso, sobre modos de lidar com públicos que já chegam às bibliotecas bombardeados de informações, mas ao mesmo tempo com faltas que necessitam ser preenchidas.

Um novo conceito: o

Nosso trabalho iniciou-se com a distinção de dois modelos de biblioteca e seus respectivos paradigmas culturais: a biblioteca *templum*, da Antiguidade, e a biblioteca *emporium*, da Modernidade. Como nos interessasse particularmente esta segunda modalidade, passamos a refletir sobre seu sentido histórico, a criticar o *difusionismo* cultural adotado pelas bibliotecas no país e a compreender que nossas preocupações deveriam ir em outra direção. Propusemos, então, uma biblioteca *forum*, lugar de negociações simbólicas, onde protagonistas, e não “usuários”, atuam afirmativamente em processos de significação, sustentados por mediações capazes de colocar diferenças em diálogos nem sempre fáceis, muitas vezes ásperos ou sem acordos, mas que reafirmam a importância inarredável do “viver junto”.

O *forum* deveria ser lugar onde, ao se aproximarem dos mistérios dos signos, protagonistas culturais “aprendem informação”, isto é, apropriam-se não somente de estratégias, mas tomam consciência de sua natureza ambivalente e das repercussões daí decorrentes. Ao contrário do que afirma o senso-comum, a informação não revela, apenas. Ela esconde, ela é metáfora: *ceci n’est pas une pipe!*

Um dispositivo em ação

A partir dessas premissas, a equipe iniciou o seu trabalho de criação de dispositivo que pudesse objetivá-las e, ao mesmo tempo, redefinir relações cristalizadas entre os

campos contíguos da Informação e da Educação, expressas concretamente em disputas do tipo biblioteca x escola, biblioteca escolar x sala de aula, bibliotecários x professores e muitas outras. Tais disputas vão em direção contrária à natureza dos atos de informar e educar, em todos os níveis. O termo informação, como se sabe, resulta de in + formação. Logo, informar é dar forma/formar e dar forma/formar é informar. Não reconhecer esse dado, é perder de vista o próprio objeto que se pretende enxergar empírica ou epistemicamente.

Iniciado com a criação de um ambiente contando com livros, cds, dvds, tv, computador em uma pequena sala de uma instituição de educação infantil, logo o projeto avançou e passou a se desenvolver em diferentes níveis do ensino, inclusive no superior. Atualmente, são mais de 150 espaços, em alguns municípios do Estado de São Paulo, articulados em redes de bibliotecas escolares⁴.

Os números obtidos não são uma referência quantitativa apenas. Diferentes indicadores foram mostrando que eles estavam diretamente associados ao reconhecimento das bibliotecas *forum* pelos contextos sociais onde iam sendo implantadas. Ao se constituírem como tal, apresentavam-se como espécie de espaços transicionais (WINNICOTT, 1975), de negociações entre memórias e práticas, a dos grupos e as da biblioteca, manifestadas sob diferentes formatos, analógicos e digitais. Ela era local de *voz*, de *fala*, de relações com o outro. Não estavam ali sujeitos tratados como consumidores de signos, mas produtores de cultura.

À medida que iam sendo conhecidas e apropriadas, as bibliotecas passavam a ser reconhecidas e demandadas por novas comunidades escolares, desejosas de participar também de experiências culturais em que se viam acolhidas e acolhiam, num caminho de mão dupla, de construção de identidade e de alteridade. A “ordem informacional dialógica” a que se referiu Pieruccini (2004), ao estudar as dimensões morfológicas, sintáticas e semânticas próprias de dispositivos resultantes de nossos trabalhos, mostrava-se capaz de gerar vínculos com o conhecimento e a cultura, até então pouco comuns para crianças, jovens e adultos que frequentavam bibliotecas *emporium*. Concebidas como estruturas modulares reversíveis, do ponto de vista da ambientação, do mobiliário, da estrutura física, dos repertórios, dos sistemas de gestão documentária, pedagógica e cultural, elas podiam ir se refazendo em função de demandas culturais gerais e dos contextos em específico.

Contradições e Conflitos

Se tais processos eram estimulantes, não transcorriam, contudo, sem contradições e conflitos que se manifestavam sob diferentes formas. Via-se, por exemplo, escolas com dificuldades operacionais para se abrirem à comunidade do entorno; equipes de mediadores bem qualificados, outras nem tanto. A formação dos profissionais não avançava em linha reta, assim como outras dificuldades. Agravadas por tais condições,

⁴ Ver REBI – Rede Escolar de Bibliotecas Interativas. Disponível em: <http://www.educacao.saobernardo.sp.gov.br/index.php/programacao/76-institucional/se-132/1606-rede-escolar-de-bibliotecas-interativas-rebi>

paralelamente às intenções colaborativas declaradas, manifestavam-se disputas, nem sempre evidentes, mas efetivas. Por exemplo, entre e intra equipes universitárias e profissionais. Quem pensava? Quem fazia? Quem cuidava dos saberes teóricos, quem dos “da ação”? Por outro lado, conflitos entre as bibliotecas e as salas de aula não eram raros. Quem informava? Quem formava? Os bibliotecários? Os professores? Os professores-bibliotecários? Mas o que era essa espécie, era híbrida ou repartida?

Se definir estratégias de negociação de conflitos foi importante, fundamental foi entender a impossibilidade de eliminá-los. O poder se esconde aqui para renascer ali, ensinou Barthes na sua “Lição”. Tratava-se de assumir, portanto, o conflito como categoria constitutiva dos processos de apropriação e criação de saberes. As forças históricas da fragmentação serão sempre atuantes, em algum nível, da mesma forma que as da homogeneização. Em decorrência, mais que *ruídos*, conflitos passam a ser tratados como informações que necessitam ser analisadas, negociadas e significadas.

A percepção da importância de considerar a ambivalência colaboração/conflito e sua incorporação como categoria metodológica e epistemológica deram origem e distinguem, assim, a *Infoeducação*. Com o termo, buscou-se sinalizar a relevância de abordagens orgânicas e dinâmicas das relações entre os fenômenos e os campos da Informação e da Educação, separados por interesses históricos, mas ligados e interconectados intrínseca e inexoravelmente; ao mesmo tempo, buscou-se sinalizar o reconhecimento da autonomia das respectivas especificidades, da articulação entre elas, mas sem subordinação.

Fraturados, os campos tendem seja ao *informacionismo*, seja ao *pedagogismo*, ambos objetos de lúcidas críticas de Bruner (1997) e Freire (1974). Como eles ensinaram, atos cognitivos se inscrevem na cultura. Estão permeados por contradições e conflitos dos meios em que ocorrem. Ao tomá-los como parte de seus processos, a perspectiva da *Infoeducação* pode, assim, ter um papel essencial nesse aspecto, ao contribuir com suas referências para o enfrentamento de conflitos que não cessam de ocorrer, fazendo do enfrentamento, contudo, ato colaborativo de criação e compartilhamento de signos. Por mais difíceis que sejam os conflitos vividos, observados ou produzidos durante os trabalhos que nos levaram à *Infoeducação*, seus resultados vêm mostrando que modos de mediação de informação e cultura -concepções, configurações, práticas, metodologias, atitudes- modos de pensar, de configurar, de atuar *dos*, *nos* e *com* dispositivos de informação, como as bibliotecas, são capazes de agir sobre os conflitos socioculturais e não apenas ecoá-los.

Conclusão

Abordagem dinâmica, complexa e orgânica, a *Infoeducação* rompe com lógicas dualistas, fragmentadas e fragmentadoras, seja do ponto de vista epistemológico ou das práticas sociais concretas. Segundo sua perspectiva, não se trata, portanto, de *informar para*, nem de *educar para*, mas, antes, de “informar **com**” e de “educar **com**”.

Isso evita a instrumentalização do objeto e dos respectivos domínios, assim como a sua hierarquização.

Nestes termos, recolocam-se, sob novas bases, as relações com o saber (CHARLOT, 2000), entre saberes, com fazer e entre fazeres. A *Infoeducação* supera o caráter prescritivo e adaptativo de discursos tecno-científicos redutores que ao tentarem ultrapassar o empirismo, mais que conhecimento, expressam relações hierarquizadas de poder.

Prescrições podem, às vezes, ter importante efeito prático. Todavia, quando considerada categoria fundante no campo do conhecimento, em função de sua imediatez adaptativa, desconsidera condições necessariamente atuantes e afirmativas demandadas pelos atos de apropriação cultural. Por isso, a *Infoeducação* visa, antes, a explicação que a prescrição. Ela implica a dimensão epistêmica dos saberes e das aprendizagens informacionais. Como se informar e informar se articulam com questões, tais como: por que informar e se informar? Pra que serve informar e se informar... Trata-se de questões essenciais seja em condições de falta, seja de saturação informacional.

Atos de mediação e seus dispositivos são ao mesmo tempo informativos e educativos, *infoeducativos*. São instâncias discursivas e não apenas instrumentos técnicos de transferência de signos. São signos eles próprios. Possuem dimensões implícitas e explícitas desencadeadoras de sentidos. Podem, pois, tanto nublar a visão, como indicar uma terceira margem que permite a conhecedores das correntezas navegar com mais segurança, sem serem enganados pelos signos, tal como Narciso.

Referências

- BARBIER, J-M. (dir.) **Savoirs théoriques et savoirs d'action**. Paris : PUF, 1996.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1997.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- NICOLESCU, B. **La transdisciplinarité**. Paris : Rocher, 1996.
- PIERUCCINI, I. **A ordem informacional dialógica**: estudo sobre a busca de informação em Educação. São Paulo. 2004. 194f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SERRES, A. Culture de l'information à l'université: savoir en jeux, enjeux de savoirs. In: LIQUETE, V.(coord.). **Cultures de l'information**. Paris : CNRS Editions, 2014. p.115-137. (Les Essentiels d'Hermès).
- WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro : Imago, 1975.